

## **MARIOLOGIA COMO DISCIPLINA TEOLÓGICA: ASPECTOS GERAIS E NORTEADORES**

*Pedro Igor Leite<sup>1</sup>*

### **Resumo**

A presente comunicação tem por objetivo traçar um percurso histórico da mariologia como disciplina teológica. A primeira fase é marcada pela integração da pessoa de Maria no universo cristológico. A segunda, por sua vez, potencializou um maximalismo com apelo devocional e pouca referência bíblica. Na terceira, com a maturação eclesial do Concílio Vaticano II, deu-se um contato vital com as outras dimensões estruturantes do que-fazer-teológico. Por último, uma fase ainda aberta e em plena construção apresenta as tarefas urgentes e inadiáveis para se fazer teologia marial. Para além da mariologia, estritamente, a comunicação assume uma posição ampla de epistemologia teo-mariológica.

**Palavras-chave:** Mariologia. Disciplina. Teologia.

### **1 INTRODUÇÃO**

O percurso histórico pelo qual atravessou a mariologia reflete a complexidade da própria Teologia. Os percalços temporais, as dificuldades argumentativas e a escassez de linguagem não diminuem o exercício de pensar e sistematizar a fé, mas – de maneira contrária – enriquecem e dão pujança porque produzem experiência de sentido para os homens e mulheres de todos os tempos.

Neste texto, de modo específico, pontuamos aspectos gerais que nos ajudam a localizar o tratado mariológico como disciplina. Tal tentativa é audaciosa porque há muitos entraves que certamente não são aqui mencionados por razões diversas. Contudo, metodologicamente falando, elegemos três fases para tracejar nosso caminho: o primeiro milênio e seu

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião no PPGCR-UNICAP. É Mestre em Teologia pela UNICAP e professor de Mariologia na mesma Universidade. É presbítero da Diocese de Garanhuns-PE. E-mail: [padrepedroigor@gmail.com](mailto:padrepedroigor@gmail.com).

interesse supra mariano; o segundo milênio com uma mariologia desconexa e os movimentos que fizeram do Concílio Vaticano II o evento que pensou a Igreja e, nela, a cristã por excelência – Maria Santíssima.

Ora, ao olhar para os dados constitutivos e fundadores da Teologia Marial, colocamos quatro tarefas que são – ao nosso ver – norteadoras e indispensáveis para o momento atual da Igreja e para o seu futuro. São janelas que se abrem para um diálogo e para um contínuo reposicionamento epistemológico da Teologia e, dentro dela, da mariologia como exercício permanentemente cristocêntrico-trinitário.

## 2 PANORAMA HISTÓRICO: ASPECTOS GERAIS

A leitura que nos propomos aqui é panorâmica porque nosso objetivo é demonstrar a construção formal da mariologia como disciplina moderna, frente aos inúmeros desafios da chamada pós-modernidade. Para tanto, é preciso atravessar os milênios com tópicos específicos e característicos de cada época. De um lado, veremos a integração trinitária no primeiro milênio como interesse propedêutico do discurso teológico e, de outro, sua desestruturação por causa do cristomonismo e do esquecimento do Espírito – segundo milênio. Tal cenário levará a comunidade dos crentes a repensar seus caminhos e a colocar (não sem confrontos) a questão mariológica no Concílio Vaticano II.

### a) Primeiro milênio da Teologia: integração trinitária

O primeiro milênio do cristianismo não conheceu um movimento de separação especializada no fazer teológico. A preocupação fundamental estava centrada na afirmação e desdobramentos das verdades declaradas nos primeiros Concílios Ecumênicos que circulam em torno da natureza de Deus, de sua relação consubstancial *ad intra*, do processo de encarnação e da *pericorese* existente entre as duas naturezas de Jesus de Nazaré (Sesboüé; Wolinski, 2002, p. 397-398). Em todas estas reuniões conciliares, quando se fala em Maria, fala-se em referência ao evento Cristo.

Isto se justifica por causa do interesse operante naquele contexto: a pessoa de Jesus – sua humanidade e divindade (Johnson, 2006, p. 154; Murad, 2017, p. 17;) e a resolução formal da questão trinitária (um Deus em três Pessoas). Em geral, os padres da Igreja inserem o discurso sobre Maria em contexto mais amplo e em obras que não se menciona o nome da Virgem. “A referência a Maria não é hipostatizada, mas organicamente inserida nos comentários bíblicos [...], nas homilias e catequeses, nos tratados ascéticos *De Virginitate* e nos hinos de caráter cristológico” (De Fiores, 2019, p. 847).

Nesse mesmo período os “evangelhos apócrifos” vão ganhando força com narrações mitológicas e sem garantia histórica, trazendo narrativas piedosas sobre Maria. Destacam-se o *Protoevangelho de Tiago* (século III) e outros textos até o século VIII, com forte atenção à existência terrena de Maria, compreendida como toda santa e objeto de louvor, oração e confiança (De Fiores, 2019, p. 847). Não há, todavia, até aqui um discurso, pregação, monografia ou qualquer sermão organicamente sistematizado que garanta rigor especulativo ao que se chamará tratado mariológico. Somente no segundo milênio como resposta católica aos muitos questionamentos da Reforma e das luzes revolucionárias da modernidade é que se vai estruturar, aos menos inicialmente, o que hoje compreendemos como mariologia.

#### *b) Segundo milênio: da não mariologia a um quase mariocentrismo*

Na Idade Média o tema mariano continuará de modo mais intenso, é verdade, contudo em princípio ainda fragmentado. Há o florescer de certa piedade marial reforçada pelo Tratado da Santíssima Virgem de São Bernardo de Claraval (séc XII). Não é ainda, aqui, assunto ou preocupação teológica: é inútil procurar neste período histórico qualquer tratado mariológico ou mesmo de um culto mariano (De Fiores, 2019, p. 849). Prova disso é que Tomás não tenha tratados específicos de mariologia nem na *Suma* nem noutro texto. Ao contrário, fala de Maria nas questões relativas a Cristo (veja-se, sobretudo, a III parte e as questões de XXVII a XXXVII). Murad afirma, com razão, que nesta época se percebe que o culto vai à frente da

*teologia*: “fala-se de Maria de uma forma mais simbólica do que dogmática” (Murad, 2017, p. 17). De um lado, no Oriente, floresce a iconografia e hinos litúrgicos marianos. De outro lado, no Ocidente, pinturas e esculturas marianas vão sendo criadas ressaltando uma beleza (europeia) extraordinária.

Na idade moderna temos aquilo que se convencionou chamar de mariologia sistemática. Esta nasce no contexto da Reforma protestante que, tendo esvaziado a devoção aos santos e à Maria, provoca ou acende a Contrarreforma, com todo o esplendor da arte Barroca. Aí se começa ou se fortalece o culto à Maria separado da complexidade cristocêntrica-trinitária. Francisco Suárez entre 1584-1585 escreve, de fato, o primeiro tratado mariano, com intenção firme de romper com a tendência escolástica de reservar brevíssimo lugar à reflexão sobre Maria. Plácido Nígido, entretanto, é quem cunhará em 1602 o termo *mariologia* (De Fiores, 2019, p. 850).

Nos séculos XVIII e XIX, na tentativa de barrar o crescimento da razão moderna, fortemente caracterizada pelo esvaziamento da fé própria do iluminismo, nasce uma mariologia devocional com forte apelo afetivo. Alguns textos dessa época marcam o imaginário eclesial e espiritual. Exemplo importante são as *Glórias de Maria* de Santo Afonso (1750) e o *Tratado da verdadeira devoção a Maria*, obra póstuma de S. Luís de Montfort, publicada em 1843<sup>2</sup>.

Época pujante de construção, manutenção e reforço da identidade tridentina (de Trento, passando pelo Vaticano I, pelos papas “Pios” até às vésperas do Vaticano II), a mariologia passa a desenvolver uma perspectiva mais triunfalista e maximalista. Beira quase certa *euforia mariana* sobretudo com os dois últimos dogmas, da Imaculada e Assunção (Murad, 2017, p. 18),

---

<sup>2</sup> Importante observar que, embora haja um culto mariano separado da cristologia, a chamada consagração a Cristo pelas mãos de Maria – método de S. Luís de Montfort – é absolutamente cristocêntrico. Para uma discussão histórico-teológica sobre tal tema, vejam-se as *considerações sobre a consagração a nossa Senhora* de Souza, 2017, p. 205-216. Contudo, é indispensável perceber um deslocamento que tal prática do século passado tem tido para nossas comunidades hoje. A busca por uma estética (véus; cadeias) e linguagem (escravo de Maria; salve, Maria!) extemporâneas, aplicadas sem qualquer cuidado hermenêutico a culturas e tempos divergentes, podem provocar não só um esvaziamento devocional, quanto um desserviço pastoral à Igreja.

e o pretenso quinto dogma da *mediação de todas as graças* (Boff, 2004, p. 123). Tal espécie de mariocentrismo ganha evidência com aquilo que Congar (2005, p. 207-216) denunciou como sendo o *esquecimento do Espírito Santo* e com os álibis de substituição da Trindade, onde as chamadas devoções brancas (Papa, Eucaristia e Maria) foram gradativamente ocupando o centro das atenções de piedade católica: o Pai, substituído pelo Papa; o Cristo total pela devoção eucarística e o agir paráclito do Espírito pela imagem de Maria como grande advogada.

### c) Nova fase da mariologia: cristocêntrica-trinitária

O Concílio Vaticano II inaugura nova fase da mariologia. A volta às fontes orienta os caminhos para a redescoberta da centralidade trinitária na vida de Jesus e da própria Igreja. É um novo tempo teológico: das devoções e silogismos se passa à renovação dogmática, abrindo a reflexão para a evolução do próprio Dogma. Assim sendo, esta nova sensibilidade insere o pensamento mariológico na *Lumen Gentium* e não em um documento a parte – como desejou certa ala mais conservadora<sup>3</sup>.

No contexto pós-conciliar, sobretudo na década de 1970 por causa da influência pós-moderna, vemos um declinar da teologia mariana, sobretudo nos grandes centros de poder econômico. Se em outros momentos houve um maximalismo exacerbado a respeito da figura de Maria, agora se vê um minimalismo marcado pelas suspeitas sobre a natureza psicológica, sociocultural, religiosa e política de Maria (Murad, 2017, p. 19). Paulo VI e João Paulo II terão fundamental importância neste sentido porque recuperarão a profundidade da reflexão através de seus documentos: de um lado, aquele com a exortação *Marialis Cultus* de 1974; de outro, o papa polonês com a encíclica *Redemptoris Mater* sobre Maria na Bíblia e na Tradição. Por último, em 2002, também João Paulo II escreve uma carta apostólica sobre o Rosário na qual insere outros elementos

---

<sup>3</sup> Dom Helder Camara, padre conciliar no Vaticano II, fazendo o registro das grandes discussões chega a compor uma oração pedindo à Mãe de Deus que o seu nome esteja dentro do documento da Igreja, não favorecendo divisões ecumênicas – o que poderia acontecer se caso houvesse um documento exclusivo (Camara, 2009, p. 296).

crisológicos para serem contemplados.

A teologia hoje busca interpretar a figura de Maria como a discípula-missionária e cristã sinodal por excelência. Fiel à Revelação e às exigências próprias da contemporaneidade, encara o desafio de dialogar com os enfoques feministas, religiosos, étnico-raciais, decoloniais etc., na medida em que propõe experiências de sentido a partir daquilo que Maria representa. Todo teólogo (a) é chamado, portanto, a perceber que a reflexão mariológica é central na teologia, embora não seja o centro (Boff, 2004, p. 15). Dela se deve falar sempre em relação a Jesus e a Trindade, sem reascender o universo dos privilégios desequilibrados.

### **3 À GUIA DE CONCLUSÃO: TAREFAS ABERTAS, NORTEADORAS E IRRENUNCIÁVEIS DA MARIOLOGIA**

O exercício teológico tem sempre um desafio de não ficar preso às reflexões do passado, como se a sua força vital estivesse presa a uma espécie de “utopia retrospectiva” (Passos, 2024, p. 29). Para tanto, numa perspectiva aberta e com intuito de desenvolvimento da mariologia, apontamos quatro tarefas que são fundamentais e com caráter irrenunciável:

#### *a) Ler a mariologia com óculos cristocêntricos-trinitários*

A hermenêutica cristocêntrica-trinitária é estruturante para a teologia. Qualquer deslocamento pode alterar a forma de se fazer a reflexão e o sentido da personagem histórica da mãe de Jesus. Para tanto, o ponto de partida é a autorrevelação de Deus na economia salvífica que tem como forma e conteúdo a própria Trindade, a partir do evento Cristo. Desse modo, desenvolver a teologia marial com este parâmetro basilar garante a veracidade de princípio que fundamenta todo o edifício epistêmico.

Dizer da existência desta hermenêutica não é falar de um bloco monolítico, mas afirmar o universo bíblico, da tradição, do magistério e dos outros saberes que aí estão implicados. Isso acontece por causa do caráter

diáfano de Maria, em particular, e da mariologia, em geral.

*b) Pensar a mariologia a partir de uma antropologia pluridimensional*

Uma das obras pioneiras de uma nova mariologia, libertadora e profética, *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres* (Gebara; Bingemer, 1987) já produz um ensaio sobre o caráter antropológico de Maria. As autoras reforçam a necessidade vital de que se passe de uma antropologia unidimensional (fincada no idealismo essencialista e numa absoluta rigidez fixista) a uma pluridimensional (que resgata a complexidade da vida humana) (p. 20).

Esta perspectiva não só supera o caráter androcêntrico que normatiza o comportamento na sociedade patriarcal, mas pensa os processos a partir das relações e da integração. Nesse sentido, perceber em Maria o lugar onde se encontram o divino e o humano, o transcendente e o histórico, a eternidade e o tempo, faz dela o ícone do enlace “do feminino com Deus e de Deus com o feminino” (Boff, Leonardo. 2003, p. 60). Pensar a mariologia desta forma ajuda a Igreja a superar aquele perfil passivo e quase alienado da mãe de Jesus: ela é muito mais, na medida em que a reconhecemos como mulher, mãe, líder, discípula...

*c) Estruturar os estudos mariológicos em perspectiva decolonial*

No Brasil, o processo de colonização trouxe com as invasões portuguesas não só violência de todas as ordens, mas uma imagem europeia, romântica, barroca e monarquista da Virgem Maria que se distancia – de modos diversos – da figura pobre e abnegada dos evangelhos. Antonio González (1988) sugere, não sem razão, que é imprescindível a passagem da percepção de uma Maria conquistadora, para uma Maria de ação libertadora.

Mais que isso: fazer teologia em chão latino-americano exige a assunção de uma epistemologia que seja necessariamente autônoma em relação ao narcisismo intelectual europeu. No âmbito da mariologia isso significa associar o perfil trans-histórico e atemporal de Maria,

profundamente profético e servidor, às histórias, lutas e sofrimentos mais diversos de nosso povo. Em síntese, a teologia de maneira geral é “provocada a se decolonizar para criticar a matriz cultural do poder colonial ampliando então o seu horizonte epistemológico para ver e agir de modo eficiente junto aos movimentos sociais que vêm reivindicando antigos e novos direitos negados” (Cunha, 2018).

#### d) *Iluminar as devoções com a luz libertadora da Sagrada Escritura*

Já Paulo VI na *Marialis Cultus* afirma que a motivação fundamental para o desenvolvimento da devoção à Santíssima Virgem é a palavra de Deus (ver introdução: Paulo VI, 2024, p. 12). Orienta ainda que “o culto à virgem santíssima seja permeado pelos grandes temas da mensagem cristã, a fim de que os fiéis, ao mesmo tempo que veneram aquela que é a sede da sabedoria, sejam também iluminados pela luz da Palavra” (MC 30).

A urgência de tal observação se dá no contexto da proliferação de devoções confusas e teologicamente infundadas. Muitas destas têm forte apelo midiático, mercadológico e emocional. Daí ser indispensável a reflexão teológica, para que a legítima devoção além de produzir uma profunda conversão, esteja assentada na tradição bíblica. Afinal, “o povo de Deus tem direito a uma nova evangelização também no que diz respeito à devoção a Maria” (Carpanedo, 2017, p. 69).

## REFERÊNCIAS

BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 2ª edição. Ed. Vozes: Petrópolis-RJ, 2004.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. 11ª edição. Ed. Vozes: Petrópolis-RJ, 2003.

CAMARA, Helder. *Circulares Interconciliares*. Col. Obras Completas de Dom Helder Camara. Ord. Zildo Rocha. Vol. II. Tomo I. De 11/12 de abril a 9/10 de setembro de 1964. Ed. Cepe. 2009.



CARPANEDO, Penha. *A Mãe do Senhor no ano litúrgico*. In.: *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*. Org. Pe. Valdivino Guimarães, CSsR. Ed. Paulus: São Paulo, 2017. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html). Acesso em: 15 de agosto de 2023.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. Creio no Espírito Santo 1. Ed. Paulinas: São Paulo, 2005.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. *Teologia decolonial e epistemologias do sul*. In.: *INTERAÇÕES – PUC-Minas, Belo Horizonte-MG*, v. 13, n. 24, p. 306-333, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18518/14230>.

DE FIORE, Stefano. *Mariologia*. In.: *Dicionário de Mariologia*. Dirigido por: Stefano De Fiore e Salvatore Meo. Ed. Paulus: São Paulo, 2019.

GEBARA, Ivone. BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres*. Um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Série IV: A Igreja, sacramento de libertação. Col. Teologia e Libertação. Ed. Vozes: Petrópolis, 1987.

GONZÁLEZ, Antonio. *De María conquistadora a María liberadora*. Santander, Sal Terrae, 1988.

JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Redemptoris Mater sobre a Bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_25031987\\_redemptoris-mater.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html). Acesso em: 12 de agosto de 2023.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã*. Teologia de Maria na comunhão dos santos. Ed. Loyola: São Paulo, 2006.

MURAD, Afonso. *Maria: toda de Deus e tão humana*. Compêndio de mariologia. Ed. Paulinas: São Paulo, 2017.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria*. Col. Theotókos. Ed. CNBB: Brasília, DF.

PASSOS, João Décio. *Tradicionalismos e tradicionalismo católico*. In.: Caminhos – Revista de Ciências da Religião – PUC-Goiás. Goiânia, v. 22, n. 1, p. 23-31, jan./abr., 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13847>.

SESBOÜÉ, Bernard; Wolinski, J. *O Deus da Salvação (séculos I-VIII)*. Tomo 1. Ed. Loyola: São Paulo, 2002.

SOUZA, Antonio Elcio de. *Considerações sobre a consagração a Nossa Senhora*. In.: *Maria na Liturgia e na Piedade Popular*. Org. Pe. Valdivino Guimarães, CSsR. Ed. Paulus: São Paulo, 2017.